

MAGRU FLORIANO

TOQUE CULTURAL

ASTRAL

SÉRIE ENSAIOS  
volume 1

ACM

LITERATURA  
CRÍTICA LITERÁRIA

PROJETO EXPERIMENTAL  
Nº 00006

S

POESIA

PEÇAS TEATRAIS

ITAJAÍ

CRÔNICAS

EDITORA BRISA UTÓPICA

## **SUMÁRIO**

**TEXTO 1- Vinte anos de “Ofélia dos Navios” de Lausimar Laus**

**TEXTO 2 – O “Guarda-roupa alemão” de Lausimar Laus**

**TEXTO 3 – Jornalismo é literatura?**

**TEXTO 4 – Cidadania e literatura: a democratização do ato de escrever**

**TEXTO 5 – Poesia engajada: o papel social da literatura**

## TEXTO 1

### VINTE ANOS DE OFÉLIA DOS NAVIOS

A literatura itajaiense comemorou no ano de 2003 os vinte anos da publicação do último livro de Lausimar Laus. Intitulado de OFÉLIA DOS NAVIOS, o romance foi publicado pela consagrada Editora Lunardelli cerca de três anos após a sua morte. OFÉLIA DOS NAVIOS é uma volta da autora ao seu *Território da Infância*, a cidade de Itajaí e sua inesquecível Barra do Rio.

#### 1 – VIDA E OBRA

Lausimar Maria Laus nasceu na cidade de Itajaí no dia 16 de abril de 1916. Filha de Pedro Paulo Laus – oficial da marinha mercante condecorado por participar das duas Grandes Guerras Mundiais – e, Maria Stuart Laus – professora do ensino elementar. Foi casada duas vezes, sendo que ficou viúva do oficial do exército Sílvio Conti Filho. Teve dois filhos: Gualberto e Eli. Em muitos documentos Lausimar Maria Laus é citada pelos nomes Lausimar Laus Gomes e Lausimar Laus Conti. Contudo, adotou o nome artístico de LAUSIMAR LAUS.

Lausimar estudou na Primeira Escola Mista da Barra do Rio e depois se transferiu para o Grupo Escolar Victor Meirelles. Na década de trinta seguiu para Florianópolis onde a cinco de dezembro de 1936 se formou normalista pelo Instituto de Educação. Ato contínuo, Lausimar se transferiu para o Rio de Janeiro, onde iniciou vitoriosa carreira como escritora, educadora e jornalista.

No Rio de Janeiro Lausimar trabalhou no Ministério da Educação e Saúde e ingressou no magistério público no ano de 1944. Foi também no Rio de Janeiro que publicou seus primeiros versos no ano de 1942, com o título de CONFIDÊNCIAS. Em 1948 publicou seu primeiro livro de contos direcionados ao público infantil: HISTÓRIAS DO MUNDO AZUL. Em 1952 Lausimar ganhou o segundo lugar no concurso da Academia Brasileira de Letras, categoria teses. Como prêmio publicou em 1953 o livro: O ROMANCE REGIONALISTA BRASILEIRO.

Na década de cinquenta intensificou suas atividades no campo da literatura e jornalismo. Em 1953 publicou BRINCANDO NO OLIMPO e em 1958 publicou o livro de

contos FEL DA TERRA. Nesta época colaborou com vários jornais e revistas literárias modernistas, inclusive com o afamado grupo literário de Florianópolis, o GRUPO SUL. Osvaldo Ferreira de Melo no livro *Introdução à História da Literatura Catarinense* inclui Lausimar como uma “agregada” aos modernistas do Grupo Sul: “Da geração modernista ou dela próximos, mas sem se terem integrado diretamente aos movimentos de renovação temos:[...] Zedar Perfeito da Silva (história, ficção), Nereu Corrêa (crítica)[...] Lausimar Laus (ficção)”. Junto com Meyer Filho – integrante direto do Grupo Sul, todos estes intelectuais mantiveram ligação histórica com a cidade de Itajaí.

Nas décadas de sessenta e setenta Lausimar Laus promoveu diversas viagens de estudo ao exterior e consolidou sua carreira no magistério superior. Em 1962 recebeu credencial da revista *Manchete* para uma série de reportagens na Alemanha e em 1965 publicou pela Editora Pongetti (a mesma que publicou diversos livros do poeta Marcos José Konder Reis) o livro sobre observações de viagem e crônicas, intitulado *EUROPA SEM COMPLEXOS*.

Em 1966 (a exemplo de Silveira Júnior) a convite do governo americano passou três meses em viagem de estudos nos EUA, onde fez observações sobre o sistema educacional daquele país. Em seguida, viajou a estudo para a Espanha e diversos países europeus, publicando uma série de reportagens intitulada *NA ROTA DO VASTO MUNDO*. No final da década de setenta chegou a visitar o Japão e muitos outros países asiáticos e europeus.

Em 1970 publicou seu primeiro romance, intitulado *TEMPO PERMITIDO*, prefaciado por Rachel de Queiroz e editado pelo Instituto Nacional do Livro em parceria com a Editora Americana. Em 1975 publicou pelo Instituto Nacional do Livro e Editora Pallas a sua obra de maior sucesso: *O GUARDA-ROUPA ALEMÃO*. Obra que até hoje é incluída no concurso vestibular de diversas universidades brasileiras, em especial a UFSC.

Em 1976 recebeu o prêmio Odorico Mendes da Academia Brasileira de letras pela melhor tradução do ano em língua portuguesa para o livro de Alain Robbe-Grillet intitulado *PROJETO PARA UMA REVOLUÇÃO EM NOVA YORK*. Já no ano seguinte, tendo Afrânio Coutinho como orientador, defendeu dissertação com o título de *O MISTÉRIO DO HOMEM NA OBRA DE DRUMMOND*, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (publicado em 1978). Ainda em 1977 recebeu do Jornal de Santa Catarina o Troféu Barriga-Verde por sua contribuição na divulgação da

literatura catarinense. Publicou também o ensaio A PRESENÇA CULTURAL DA ALEMANHA NO BRASIL.

Lausimar contribuiu com a revista Manchete e chegou a ocupar a segunda página da revista O CRUZEIRO com suas crônicas. Publicou em O Globo, Diário de Notícias, Correio da Manhã, Jornal do Comércio, Jornal do Brasil (suplemento do livro), O Estado de Minas Gerais (Suplemento Literário), Correio do Povo (Caderno de Sábado), Revista Presença, O Estado de São Paulo (Suplemento Literário) e Jornal do Povo (hebdomadário itajaiense).

Na área musical teve vários poemas seus musicados por Aristides M. Borges e gravados com o selo da RCA/VICTOR. A música que obteve maior sucesso foi gravada com o título: TENHO PENSADO TANTO EM TI.

No setor acadêmico, Lausimar se licenciou em letras clássicas pela Faculdade de Letras da Universidade Santa Úrsula. Titulou-se mestre em letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutora pela Faculdade de Letras da Universidade de Madri. Exerceu por muitos anos o magistério superior na Universidade Federal Fluminense, em especial como professora de literatura alemã.

Lausimar Laus morreu aos 63 anos de idade, em sua residência (rua Aristides Espíndola, 106, Leblon – RJ), vítima de infarto fulminante, no dia três de outubro de 1979. Lausimar foi sepultada no Rio de Janeiro no Cemitério São Francisco Xavier, bairro do Caju, deixando a seguinte bibliografia:

- POESIA: Confidências
- LIVRO INFANTIL: O Sonho de Candoquinha; Histórias do Mundo Azul;
- Brincando no Olimpo; Aventuras do Zé Colaço.
- CONTO E CRÔNICA: Europa Sem Complexos; Fel da Terra.
- ENSAIO E TESE: O Romance Regionalista Brasileiro;
- A Presença Cultural da Alemanha no Brasil;
- O Mistério do Homem na Obra de Drummond.
- ROMANCE: Tempo Permitido; O Guarda-Roupa Alemão; Ofélia dos Navios.

## 2 – ANÁLISE DE *OFÉLIA DOS NAVIOS*

A história do livro *Ofélia dos Navios* tem como cenário a cidade de Itajaí na primeira metade do século XX, tendo como personagens principais Ofélia – a louca, Ofélia

– a jovem apelidada de Fefé, Hannele – jovem rebelde, e diversos moradores da comunidade de Quilombo e Barra do Rio, bairro economicamente bem estruturado à época.

As amigas Fefé e Hannele admiram Ofélia, apesar de terem conceitos antagônicos sobre a vida. Fefé vê a natureza pelo prisma conservador, enquanto Hannele vê a natureza pelo prisma existencialista, quase um *carpe diem* onde há uma relativa necessidade da loucura no sentido de negar a lógica tradicional que imobiliza o cotidiano das pessoas na pequena cidade litorânea catarinense.

Interessante perceber que a trama do livro inicia tendo duas Ofélias como personagens: uma querendo ficar em Itajaí, não querendo ir além do cais para esperar seu amado – que já havia morrido no mar e não mais voltaria, motivo de sua loucura; outra, querendo ir além, conhecer todos os lugares do mundo. Estas duas Ofélias simbolizam a grande contradição que todo itajaiense guarda em seu interior – uma vontade louca de sair mundo afora, e uma necessidade física de criar raízes e viver feliz nesta terra maravilhosa em que nasceu. De um lado o mar chamando; de outro, a cidade pedindo para ficar.

Apesar de serem as protagonistas principais, as duas Ofélias têm fins inesperados. Além de registrar o fim das ofélias, Lausimar também relata a agonia lenta de uma cidade do interior que vê o progresso chegando. Assim, morre também a Itajaí do Quilombo e da rua Pluvial. Em *Ofélia dos Navios* Itajaí se rende ao capitalismo do ciclo da madeira, com a comunidade se transformando em uma sociedade progressista onde “a vida contemplativa da Barra do Rio foi sacudida para uma realidade contundente: a do capital. Os ricos ficavam mais ricos e os pobres mais pobres ainda”.

Lausimar relata em forma de crítica, quase denúncia, o fenômeno do ciclo da madeira, que trouxe progresso, o trem, chatas argentinas, navios europeus e japoneses, carros e muitas madeireiras e empregos. Mas, em contrapartida, tirou a identidade que unia a todos, dando à pequena Itajaí um formato de comunidade. Tirou também os pobres do seu Quilombo, deixando-os espalhados por Cordeiros, Espinheiros e Machados, jogados à própria sorte.

Em vários momentos o discurso de Lausimar Laus apresenta uma coloração ideológica mais à esquerda. Um discurso ficcional que se mistura com a realidade e desanda a falar mal dos nazistas, bem como dos interesses do capital e o progresso desenfreado e desumano.

Em *Ofélia dos Navios* Lausimar apresenta o seu próprio drama familiar, que também foi meu e de uma grande parcela dos itajaienses: o pai ausente que trabalha como marinheiro na Companhia Lloyd Brasileiro. Assim, a figura da mãe passa a ser mais severa, porque cumpre a dupla função de pai e mãe. Por outro lado, o pai – sem a obrigação cotidiana de educar e reprimir – é lembrado com um carinho todo especial.

Na verdade, este é um drama duplo para a mulher e a família. Primeiro pela ausência física da figura paterna e do homem amado; segundo, pelo total estado de incerteza com relação à segurança do marido-pai na travessia do oceano. A loucura de Ofélia espelha o drama de muitas mulheres itajaienses que ainda hoje perdem seus maridos no mar (agora, em especial, no setor pesqueiro). Quem naquela época não tinha um membro da família embarcado?

Quanto ainda à questão ideológica, parece evidente a influência da esquerda existencialista no discurso ficcional de Lausimar Laus. Não só em *Ofélia dos Navios* as mulheres são figuras centrais do enredo, Lausimar quase sempre dá à sua obra um tom de Simone de Beauvoir. Hannele, por exemplo, contraria a todos e desfaz o seu sonho de ser professora, denunciando a situação de penúria da categoria profissional do magistério. Depois, casa por conveniência e passa a denunciar a instituição casamento por não dar à mulher o direito ao prazer sexual. Por último, coloca os homens como seres que pensam quase que exclusivamente em dinheiro e negócios, relegando a mulher a um segundo plano como simples objeto.

Outro ponto forte encontrado na obra de Lausimar Laus é sua preocupação de mostrar as dificuldades que os imigrantes tiveram para se adaptar à realidade brasileira e como venceram todas as dificuldades, inclusive o preconceito. Diálogos onde o personagem alemão fala um português quase ilegível é o principal expediente que Lausimar utiliza para sinalizar acerca dessas dificuldades. São, portanto, frases simbólicas, apresentando a defesa do imigrante. Daí sua obra ser catalogada como “regionalismo alemão” apesar de estar centrada em Itajaí, uma cidade que insiste em inventar-se açoriana. Desfazendo esta maquiagem histórica Lausimar nos mostra uma Itajaí de africanos, franceses, alemães, argentinos e portugueses. Uma cidade plural. (JOSÉ ROBERTO SEVERINO).

Vale ressaltar ainda que em toda sua obra, e *Ofélia dos Navios* evidencia esta característica, Lausimar Laus mistura ficção e realidade de tal modo a muitas vezes chegar a confundir o leitor, porque fica difícil de separar a ficção dos fatos que realmente foram

vivenciados pela autora na sua infância. O ensaísta Antonio Holfeldt, por exemplo, no livro *A Literatura Catarinense em Busca de Identidade: o romance*, ao analisar *Ofélia dos Navios* afirma que a trama ocorre “.. na fictícia localidade de Barra do Rio”. Vale ressaltar que o erro de Holfeldt não se dá apenas porque ele não conhece Itajaí e sequer é catarinense, mas porque é quase impossível separar na obra de Lausimar a ficção do relato de vivências na qual a própria autora esteve envolvida.

Em *Ofélia dos Navios* fica nítido, para aqueles leitores que conhecem um pouco da vida de Lausimar, que a personagem Hannele, em grande parte, é uma caricatura dela própria. O livro, portanto, é quase uma biografia romanciada. Têm-se certeza disto ao comparar os personagens de *Ofélia dos Navios* com a crônica *Território de Infância* que Lausimar publicou no Anuário de Itajaí de 1959.

Também é muito difícil visualizar a fronteira que separa a Lausimar romancista da Lausimar jornalista. Sua descrição da cidade e das pessoas, torna *Ofélia dos Navios*, em muitos trechos, quase um livro-reportagem no estilo de um Alexandre Konder, ou puro exercício de memória no estilo de um Silveira Júnior. Lausimar nos mostra que tinha muita dificuldade para separar essas duas atividades que desenvolvia com excelência. Por outro lado, podemos também pensar que a própria autora pretendia negar, de forma consciente, esta separação entre jornalismo e literatura, introduzindo na literatura catarinense os fundamentos da escola conhecida como “Novo Jornalismo” de Ernest Hemingway e tantos outros jornalistas-escritores ou escritores-jornalistas.

Por último vale destacar que Lausimar Laus foi a mais itajaiense de todas as escritoras. Coincidência ou não, quis o destino que o seu último livro fosse exclusivamente itajaiense. Desta forma, pelo caminho da literatura Lausimar voltou ao seu querido *Território de Infância* meses antes de falecer. Mesmo longe e por muito tempo, nunca deixou de estar presente de espírito. Assim sendo, mesmo quando escrevia na Europa, Lausimar pensava como a menina que apanhava gabirola no Quilombo.

Ao comemorarmos os vinte anos de *Ofélia dos Navios*, cabe uma reflexão: se para Lausimar Laus a distância e o tempo não foram suficientes para fazê-la esquecer de sua terra natal, será que duas décadas são suficientes para a cidade de Itajaí esquecer de Lausimar Laus?

### 3 – OBRAS SOBRE A AUTORA

- A LITERATURA CATARINENSE EM BUSCA DE IDENTIDADE: O ROMANCE. Antonio Hoffeldt. Porto Alegre: Movimento; Florianópolis: FCC/UFSC, 1994. (páginas 119 a 139)
  
- SANTA CATARINA EM VESTIBULAR. Florianópolis: RD, 199[.]. (página 68)
  
- A LITERATURA CATARINENSE. Celestino Sachet. Florianópolis: Lunardelli, 1985. (páginas 130 a 131).
  
- ANUÁRIO DE ITAJAÍ – 1998. Literatura Itajaiense. Rosa de Lourdes Vieira e Silva. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 1998. (Páginas 48 a 50).
  
- PANORAMA DO CONTO CATARINENSE. Iaponan Soares. Porto Alegre: Movimento/INL, 1974. (páginas 111 a 114).
  
- A LITERATURA DE SANTA CATARINA. Celestino Sachet. Florianópolis: Lunardelli, 1979. (páginas 149 a 152).
  
- QUEM ESCREVE EM ITAJAÍ? Magru Floriano. Itajaí: Brisa Utópica, 2002. (página 53).
  
- O JORNALISMO CULTURAL EM SANTA CATARINA. Paulo Clovis Schmitz. Disponível na Intewrnet: [www.cehcom.univali.br/monitordemidia/artigos/pauloclovis.pdf](http://www.cehcom.univali.br/monitordemidia/artigos/pauloclovis.pdf).
  
- UMA LEITURA METAFÓRICA D'O GUARDA-ROUPA ALEMÃO, DE LAUSIMAR LAUS. Vilca Marlene Vieira. Florianópolis: Ufsc, 19[.]. – dissertação.

## TEXTO 2

### O GUARDA ROUPA ALEMÃO DE LAUSIMAR LAUS

Analisar a obra mais conceituada e estudada de Lausimar Laus (O guarda-roupa alemão) requer uma certa intimidade com o restante da obra deixada pela autora. Principalmente porque há uma linha do tempo e uma ligação direta entre os seus diversos escritos – desde a poesia **Território de infância** (1959), o ensaio monográfico **A presença cultural da Alemanha no Brasil** (1977), e a trilogia romanceada **Tempo permitido** (1970), **O guarda-roupa alemão** (1975) e **Ofélia dos Navios** (1983)-. Uma está ligada à outra, dando sentido a determinados episódios e referências. Requer, também, um estudo mais aprofundado de sua própria vida, uma vez que utilizou seu Território de Infância como principal fonte inspiradora. Esta relação foi tão intensa e íntima que em alguns pontos de sua obra fica impossível identificar o que constitui pura ficção e adaptação da realidade; o que é personagem criada e personagem tirada da história regional e até mesmo da sua própria família.

O guarda-roupa alemão é antes de tudo um recorte histórico quase que completo sobre a saga da migração alemã no litoral catarinense e, em particular, na cidade de Blumenau. Acompanhando a saga dos Ziegel vamos nos deparar com situações limites, como as expedições dos bugreiros e sua ação exterminadora dos silvícolas, as catastróficas enchentes de 1880 e 1911, as consequências mais perversas da segunda grande guerra no cotidiano da colônia alemã e as ações da ditadura do Estado Novo sobre uma população que precisava se “nacionalizar”; a Revolução Federalista, Guerra do Paraguai e a trágica Gripe Espanhola. Assim como outros temas paralelos, mas não menos importantes, como: homossexualismo, analfabetismo, racismo, intransigência política, matriarcado, miscigenação, aculturação, moralismo, etc.

#### GERMANÓFILA

Um título cabe muito bem á escritora, jornalista, professora universitária e pesquisadora Lausimar Laus: o de germanófila. E este título não lhe cai como acusação ou julgamento crítico em tom negativista, não, mas como uma constatação pura e simples, como consequência direta da leitura isenta da totalidade de sua obra.

No ensaio monográfico **A presença cultural da Alemanha no Brasil** – que Lausimar produziu exclusivamente para participar do Concurso Thomas Mann, promovido pela União Brasileira de Escritores, contando com o apoio da Embaixada da Alemanha no Brasil – defende a tese de que “*De todas as raças que emigraram para o Brasil-Império, foram, por certo, os alemães que mais marcaram a sua presença civilizadora. Nenhum contingente europeu trouxe igual conteúdo de sabedoria, porque seus grupos emigratórios eram compostos, muitos deles, de homens laureados por universidades alemãs*”. (1977, pag.11).

Não economizando termos positivados que engrandeciam a contribuição germânica na formação da nação brasileira Lausimar destaca sempre “*a marca da inteligência e cultura alemãs impressas no meio cultural do país*” (ib., pag.14) garantindo que: “*A experiência, a disciplina e a sabedoria do imigrante germânico foram talvez os maiores fatores que contribuíram, no período da nossa colonização, para criar no País uma base cultural.*” (ib., pag.11), praticamente desconsiderando a contribuição de todos os demais povos e etnias que para cá emigraram ao longo de séculos.

Essa tendência à exaltação da cultura germânica vai perpassar toda a sua obra. Impregna **Ofélia dos Navios** e **A presença cultural da Alemanha no Brasil**, assim como influencia de forma decisiva o próprio desenrolar da trama de **O guarda-roupa alemão**. Ali, sempre que comparava duas culturas, colocava a cultura alemã em um estágio civilizatório superior: “*O velho chegava em casa e reclamava. Ensinava-o a ser civilizado. Devia ser gente. Mas, e aquele sangue índio? De alemão é que ele nada tinha. A única coisa talvez de alemão era gostar de Bier. É verdade que disso ele gostava. E muito. O exterior herdara do velho. Os cabelos muito lisos e louros. Os olhos azuis e o comprimento do corpo. Era verdade que os olhos eram oblíquos como os dos nhambiquaras. Em linha ascendente e repuxados. Olhos compridos e desconfiados. Célere como um gato do mato.*” (ib., pag 05) Parece que fica evidenciado um antagonismo inconciliável: índio versus alemão; gato do mato versus civilizado.

Praticamente todos os personagens de ascendência germânica possuem uma grande sensibilidade para as artes e são alfabetizados. “*Klaus era o rapagão mais bonito da Colônia, o mais versado na ciência das flores, dos animais e da fauna sulista. Era Agrimensor e formado Naturalista, com diploma alemão.*” (ib., pag. 06-07); enquanto que o velho Ziegel tinha “*Um fraco por Goethe, sua Poesia e Verdade... A velha cultura européia no cerne de sua alma. Sempre tocando Beethoven ao luar. Chopin, Haydn e*

*Brahms [...]*” (ib., pag. 27); e a sua companheira Ethel Von Moltke “*Era sobrinha-neta de marechal? E pintora? Puxa vida! Aquela mulher dura, a Grossmutter? Sabia que ela era sensível.*” (ib., pag. 31). Em contrapartida os analfabetos eram sempre de linhagem portuguesa, oriundos dos municípios litorâneos: Itajaí, Camboriú, Tijucas e Florianópolis.

O único personagem reconhecido como germanófilo era o juiz da comarca “*um ilustre e fino pernambucano de boa estirpe*” que estudou direito na Alemanha. Para defender o velho Weber da ira de um tenente getulista que estava em Blumenau para salvar o Brasil desse “quisto racial”, utilizou velhos conceitos: “*O senhor devia saber o que é essa gente: trabalhadora, honesta, disciplinada. Veja a diferença desta cidade para outras do nosso país. O senhor vê sujeira nas ruas? Vê crianças perambulando? Moleques jogando pedras e incomodando vizinhos e passantes? Não senhor. Aqui sempre foi uma cidade civilizada, seu tenente. Menino de manhã está na escola e à tarde, no ofício.*” Era como se Blumenau não fizesse parte do Brasil, porque era “civilizada”.

## QUESTÃO DE GÊNERO E POLÍTICA

Uma questão sempre presente na literatura de Lausimar Laus diz respeito à relação homem-mulher, com uma predominância acentuada para a participação feminina nas decisões e desenvolvimento da trama. A mulher ocupa o centro da trama, compondo um verdadeiro matriarcado. A Grossmutter e todas as demais mulheres da família Ziegel praticamente tornam desnecessários, secundários, os homens e suas competências. “*Frau Ziegel era a mutter e estava acabado. Herr Ziegel, para tudo, consultava a mutter...*” (ib., pag. 10); “*A mutter sempre dando as ordens.*” (ib., pag. 16); “*...aquela mulher forte como o granito. Era lidando. Plantando flores, mas também plantando o aipim. O morango. Cavando a terra. O avental sempre muito branco, rodeado de bordado inglês. Pesadona. Vermelha. Dando ordens. Organizando as festas da Colônia. Aconselhando e insistindo com todos. Com o marido também. Nunca em jeito macio.*” (ib., pag. 32).

Essa participação da mulher também ficou registrada de forma decisiva no centro do cenário político da colônia, quando do surgimento dos grupos simpatizantes do Nacional Socialismo (Nazismo). O último dos Ziegel, Homig, lembrava que “*Mesmo em sua casa havia encontros de alemães recém-chegados que só falavam no tal do Nacional Socialismo, na figura exponencial de Hitler, em suas palavras de verdadeiro líder e sobre as possibilidades de vir a Alemanha, dentro de pouco tempo, dominar o mundo. Era uma*

*pregação que não tinha mais fim. Tia Herna era a maior entusiasta da “Nova Ordem”. Chegou a vender os terrenos que tinha lá para os lados de Ibirama, e se mandou para Munique. Os dois filhos já estavam lá, fazendo parte da Juventude Nacional Socialista e ela não falava senão de seus dois pequenos e grandes heróis nacionais. Um ano depois ela voltou e ia de casa em casa de amigos, onde fazia aquelas suas cacetes preleções.”* Portanto, era uma militante, uma ativista política. A mulher ganhava na ação de Herna a condição de ator social no cenário político.

Interessante perceber que a cultura alemã, da colônia Blumenau, era antagônica em tudo com a cultura açoriana, das cidades do litoral. Não bastasse o fato de que em Blumenau praticamente todos eram alfabetizados e sensíveis às artes, enquanto no litoral a maioria era analfabeta, em Itajaí a mulher era mais submissa e fazia questão de ficar em segundo plano em relação a atividade política do marido, reservando o direito de choramingar e lastimar a própria sorte: *“Ela mesma contava que se não fosse vô Constantino se meter na política, do lado contrário dos poderosos, na corrente que apoiava o dr. Hermelino, um médico que era um anjo e um deus para toda aquela população de Itajaí, e que morrera pobre e espezinhado pelos opositores, ela não teria ficado tão desgraçadamente pobre”*. (ib., pag. 46)

Sem deixar de se espelhar na realidade política da época, Lausimar trata das questões políticas trocando o nome da família que despediu vô Constantino das Usinas Kraemer (alusão direta à família Konder proprietária da Usina Adelaide e que se tornou oligárquica em Santa Catarina). Naquela época a situação política era bem clara para Lausimar: *“O partido dos Kraemer, gente de dinheiro, com grande indústria, era quem mandava em quase todo o Estado. O arquejante partido do dr. Hermelino contava apenas com os loucos e sonhadores como Vô Constantino, os “quebrados” do vale do Itajaí”*. (ib., pag. 47).

Assim, enquanto na colônia Blumenau temos Tande Herna participando diretamente dos acontecimentos políticos, servindo como elo de ligação entre as famílias simpatizantes da “Alemanha Antártica” e fazendo proselitismo político aberto em favor da “Nova Ordem”, em Itajaí, temos Vó Pacífica *“uma mulher de gênio nada pacífico”* que lastimava a situação de penúria em que o marido havia colocado a família por causa de sua militância política. Dizia: *“Mas, que fazer, quando um marido pobre, com cinco filhos se mete na política? Só mesmo metendo a língua!”*. Contudo, Lausimar também colocava as mulheres de Itajaí como trabalhadoras e responsáveis diretas pela sobrevivência da família:

*“Nós tínhamos que ajudar e eu, até no machado peguei, muitas vezes, para cortar moirões. Lembro-me agora como é possível isso: uma rapariga saber arrumar a cunha no toro, tomar da marreta e tirar um diâmetro regularmente grande. Eu fazia isso com tal maestria que não sei de onde me vinha tanta força. Parece que era trazida de vó Pacífica, de toda aquela exuberância que ela guardava, de toda a sua disposição de guerreira.”* (ib., pág. 46).

Como podemos constatar, no imaginário de Lausimar Laus todas as mulheres são fortes e guerreiras. Todas lutam para superar adversidades, inclusive aquelas advindas com a insanidade dos homens. Os homens erram, as mulheres pagam com a faina diária. Politizadas ou não, são todas guerreiras. Assim como em **Ofélia dos navios**, Lausimar parece evidenciar um certo desprezo pela figura masculina. Portanto, sua obra tem um tom acentuado de feminismo.

Interessante perceber que Lausimar Laus criou vários personagens que vão lidar diretamente com a questão do Nacional Socialismo, mas nenhum deles chega da Alemanha falando dos horrores e arbitrariedades cometidos por Hitler, só Klaus que volta por não aceitar a “padronização” de comportamento da juventude alemã. Contudo, a trama se estende largamente para mostrar a perseguição dos brasileiros e da ditadura getulista aos alemães, simpatizantes ou não ao Nazismo. Para justificar que apesar de estarem mais de cinquenta anos no Brasil e mesmo assim se limitavam a alegar que *“Aba, ich exprecht nicht brasilianis”* (Mas, eu não falo brasileiro), Lausimar esclarece que a culpa de tudo é o próprio governo brasileiro que não colocou escolas no interior, obrigando os imigrantes a montarem sua própria “escola alemã”.

É o próprio juiz germanófilo que faz a defesa dos imigrantes nesse sentido: *“O que instrui um povo é a escola, o professor. E se eles não quisessem que os filhos crescessem analfabetos, tinham de , por seus próprios meios, criar escolas alemães, com mestres alemães. Esse homem aí, em que o senhor bateu e seus soldados, levou cinquenta anos de trabalho duro para construir o seu hotel. Ele cumpre as leis, paga seus impostos, não pratica crimes nem distúrbios, não ofendeu a ninguém nem a nossa pátria, e não merece isso.”* Ib., pag. 97) . O que o juiz não percebe é que os imigrantes poderiam muito bem ter, no mínimo, feito uma escola bilingue. O tenente então responde para o juiz: *“Cinqüenta anos de Brasil, seu juiz? E não destravou a língua?”*. Mas, porque Lausimar não defendeu a idéia de uma escola bilingüe? Óbvio, ela se viu, como o juiz, uma germanófila, que via

sentido nas escolas alemãs puras, não obstante sua mãe ser a primeira normalista formada na capital do estado a lecionar língua portuguesa para os imigrantes de Blumenau.

Assim como durante a trama Lausimar não menciona os horrores da guerra e do Nazismo, quando trata da questão da missão de Nova Trento, mantida pelas freiras francesas, e que acolhia meninas índias que perderam seus pais na guerra de extermínio desencadeada pelos bugreiros, também nada será dito. É realmente um silêncio ideologicamente comprometedor. Mais grave é colocar Maria do Sacramento como uma índia “*mansa como uma pluma*”. (Ib., pag. 05). Talvez aí resida o fato de ter sobrevivido ao convívio com Herna e Ethel - a grossmutter toda-poderosa.

Sobre a adoção de crianças índias pelos imigrantes no estado de Santa Catarina a professora do Departamento de História da UFSC – Cristina Scheibe Wolff publicou na internet ([www.rizoma.ufsc.br/pdfs/403-of2b-st1.pdf](http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/403-of2b-st1.pdf)) trabalho intitulado **Mulheres indígenas na construção etnohistórica de Santa Catarina: memórias de um esquecimento**. Ali, a professora Cristina mostra o que Lausimar “esqueceu” de dizer: “*Na historiografia de Santa Catarina têm sido privilegiadas as contribuições históricas das populações de origem européia: açorianos, alemães e italianos, especialmente, são evocados como aqueles corajosos imigrantes que trouxeram “civilização”, “progresso” e “cultura” para este território.*” Contudo a autora alerta para o fato de que “*Em nossa pesquisa em busca de relatos sobre as histórias de capturas de mulheres e crianças indígenas ao longo da história regional, entretanto, temos encontrado relatos, documentos, testemunhos, que mostram uma Santa Catarina muito mais mestiça do que os discursos oficiais dão a ver. Avós e bisavós indígenas (bem como ascendentes africanos) são muito comuns nas memórias familiares, mesmo aquelas escondidas nos fundos das gavetas, e contadas somente com o gravador desligado.*” (pag. 01)

Cristina Scheibe Wolff mexe para valer na ferida ao identificar o verdadeiro motivo da preservação dessas vidas pelos bugreiros e suas adoções por famílias de imigrantes: “[...]Numa sociedade recém saída da escravidão, era considerado legítimo “criar” uma criança índia, educando-a como “criada”, encarregada dos múltiplos serviços da casa e seus arredores”.(Ib., pag. 06). Fala ainda que os bugreiros, em suas contínuas expedições de extermínio pelo Vale do Itajaí recebiam encomendas de meninas índias para adoção e por isso elas eram “pegas a laço”.

Mais intrigante é saber que Lausimar Laus inspirou sua personagem, Vó Sacramento, na sua própria experiência de vida familiar. Segundo Ruth Laus relata no livro **A décima carta: Laus, apenas: memórias literárias**: *“Outra figura ímpar, que seria injusto não realçar, é a de Amélia Garcia Laus, índia de puro sangue, nascida nas matas da antiga colônia Blumenau e acolhida por colonos alemães durante a infância. Ainda menina foi levada para um colégio em Nova Trento (...), onde recebeu esmerada e austera educação que, aliada aos inatos sentimentos de amor às pessoas e à natureza tornou-se mais tarde a exemplar esposa de Jacob, falando corretamente três línguas: alemão, francês e português. Quem teve a oportunidade de ler o romance “Guarda-roupa alemão” de Lausimar, irá identificá-la na personagem carinhosa e sábia Vó Sacramento – real e legítima avó da autora.”* (Apud RUTH LAUS, 1994). Por que Laus deu à índia mais humildade e menos intelectualidade?

### TEXTO 3

## JORNALISMO É LITERATURA?

*"Na ruidosa solidão das Redações [...] quase sempre ecoa, tranqüilo, sobre o leito do ideal, o flume da vocação literária, a desaguar, depois, no oceano imenso, azulado e duradouro da criação artística". João Alfredo Medeiros Vieira.*

No início do ano de 1999 comecei a me empenhar para apresentar à Academia Itajaiense de Letras uma Antologia da Literatura Itajaiense. Como de início esbarrei na dificuldade de não ter qualquer informação sobre a literatura produzida em Itajaí, resolvi promover junto ao Arquivo Histórico um breve levantamento biobibliográfico dos nossos autores mais conhecidos.

Contudo, o trabalho de pesquisa foi me envolvendo de tal sorte, que resolvi aprofundar meus estudos. Pensei em poder contribuir com todas aquelas pessoas interessadas em conhecer um pouco mais profundamente nossa literatura, e que não tinham, até a presente data, uma obra que lhes servisse de referência inicial, para que pudessem chegar a nomes como Lausimar Laus, Osny Duarte Pereira, Marcos Konder Reis e Reis Neto.

Após mudar por completo o rumo do meu trabalho, passando a elaborar uma apresentação das centenas de biobibliografias dos autores, que recebeu o título provisório de "Quem escreve em Itajaí?", acabei me deparando com uma grande dúvida, ou seja: o jornalismo também poderia ser considerado como um gênero literário? Os jornalistas deveriam ser elencados como autores itajaienses?

Nesse sentido foi extremamente útil um texto de autoria de João Alfredo Medeiros Vieira, publicado pela Academia Catarinense de Letras, intitulado "Jornalismo é gênero literário?". No texto, lembra Medeiros Vieira que tanto André Gide, quanto Alceu Amoroso Lima, negavam ao jornalismo o status de obra de arte, por se interessar "menos pelo amanhã do que pelo hoje". Ou seja, o jornalismo é factual, cotidiano, "aqui e agora"; enquanto que a literatura nutre um grande desprezo pela atualidade.

Será que tem de ser assim? Medeiros Vieira não concorda por completo com André Gide e Alceu Amoroso Lima e lembra que muitos autores que brilharam no cenário

nacional "altearam-se pelas colunas da imprensa", citando como exemplo, entre outros: Santiago Dantas, Carlos Lacerda, Humberto de Campos, José Veríssimo...

Ao ler Medeiros Vieira fiquei a indagar se é possível separar na obra de Machado de Assis o que se constituiu exclusivamente em obra jornalística, do que é apenas literatura. Depois pensei sobre todo o meu processo de criação. Meu envolvimento com a poesia, a crônica e o jornalismo. Da minha vivência nas redações do jornal A Nação (Diários Associados) e Jornal de Santa Catarina. Será que é possível separar minhas poesias de minhas crônicas?

Parece factível a idéia de que há um gênero literário que habita a fronteira entre o jornalismo e a literatura – é a crônica. Através da crônica, literatura e jornalismo integram, na obra de alguns escritores, um processo amplo, como dois lados inseparáveis de uma mesma moeda; ou, como duas mãos, esquerda e direita, que apesar de muitas vezes se oporem uma à outra, acabam sendo extremamente úteis à uma pessoa justamente por estarem nesta aparente posição de antagonismo.

Por isto podemos considerar das duas uma: ou afirmamos categoricamente que o jornalismo é um gênero literário; ou, dizemos, por questão de justiça, que o jornalismo é cúmplice e confidente da literatura. Para promover tal afirmação uso como referência o exemplo de vida do escritor e jornalista inglês Frederick Forsyth que conseguiu escrever romances como *O Dia do Chacal* e *Cães de Guerra*, justamente porque infiltrou-se na realidade do mundo da espionagem utilizando o conhecimento que adquiriu como repórter das agências de notícias Reuters e BBC.

*“O que acontece é que antes de escrever Cães de Guerra eu desejava investigar a maneira como um golpe de Estado podia ser organizado e como armas ilegais podiam ser adquiridas. Descobri um grupo negociando com traficantes de armas em Hamburgo. Entrei em contato com eles, usando um nome falso. Acompanhei suas atividades por dois meses, reuni a informação de que precisava e me desliguei [...]”*

Em entrevista que concedeu à revista Veja em dezembro de 1999 Frederick Forsyth afirma textualmente:

*“O jornalismo é uma espécie de doença, como a malária. Os sintomas desaparecem por longos períodos, mas sempre acabam voltando. Pesquiso meus livros à*

*maneira de um repórter. Visito as pessoas envolvidas nos acontecimentos, ganho sua confiança e as convenço a contar detalhes que nunca revelaram antes. Meu estilo também é semelhante ao de uma boa reportagem, sem floreios. Sou mais jornalístico do que literário.”*

Os defensores da idéia de que jornalismo não é literatura costumam argumentar da seguinte forma “*Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa*”. Ou seja, “*jornalismo é jornalismo; literatura é literatura*”. Parecem ter pego a doença do “Positivismo” que ao longo da Segunda Revolução Industrial desencadeou uma verdadeira Guerra Santa para separar as ciências a partir de seus conteúdos e “Corpus” de estudo. Assim, a Química não se relaciona com a Física, sequer com a Biologia. Cada um fica na sua. O raciocínio dos Positivistas é simples: o que é bom para as ciências naturais, também é bom para as ciências sociais e humanas. Logo, o melhor é separar literatura de jornalismo, não é mesmo?

Nada disso. Suspeito, inclusive, que por detrás dessa discriminação com o jornalismo existem questões sérias de classe. Ou seja, não conferem o status de gênero literário ao jornalismo, por simplesmente tratar-se de um produto intelectual elaborado por trabalhadores assalariados. Como produto da Indústria Cultural, o jornalismo deve ser visto como os demais produtos confeccionados pelos trabalhadores a serviço do Capital. Isto é, como uma “peça manufaturada”, nunca como arte.

Este questionamento sobre o jornalismo só existe porque o jornalista é um trabalhador assalariado. Outras categorias e grupos com status social e econômico mais elevados não passam pelo mesmo problema, tendo reconhecimento consensual sobre a validade literária do que escrevem ou falam. É o caso dos padres, advogados e políticos que conseguem enquadrar suas falas e escritas no gênero oratória. Seria coincidência o fato de que eles não são assalariados? Creio que não.

Eric Nepomuceno considera o jornalismo um gênero literário porque possui:

“...suas regras próprias e rígidas, sofrendo pressões específicas, que vão da avidez do tempo às limitações de espaço, mas sempre um gênero literário. Da mesma forma que o poema, o conto e o romance têm suas regras – certamente mais flexíveis, mais permeáveis à experimentação -, o jornalismo, com suas regras particulares, faz parte da mesma família, a literatura.”

Nepomuceno esquece de considerar ainda, que estas regras que considera rígidas é sinal de um tempo. Quer dizer, o jornalismo que fazemos hoje, é um jornalismo de modelo americano, tecnicamente hegemônico, que estabelece a lógica do “Lead” como única e verdadeira. Isto não quer dizer que o jornalismo foi sempre assim, isento de liberdade e flexibilidade técnica, ou que nunca tenha permitido o uso das emoções e valores subjetivos. Este jornalismo que temos hoje, é um jornalismo datado historicamente. Não é, portanto, um modelo único, e sequer permanecerá eternamente sendo exercido pelas redações mundo a fora. Justamente por ser uma obra datada historicamente é que deve ser respeitado como literatura. Daqui a cem, duzentos anos, lendo nossos jornais as gerações futuras poderão dizer, - “olha como os intelectuais escreviam no ano 2000”, da mesma maneira como lemos Voltaire, Machado de Assis ou Euclides da Cunha, e ficamos observando seus estilos diferenciados aos padrões de hoje.

As reportagens publicadas pelo jornal O Estado de São Paulo em 1897 assinadas por Euclides da Cunha, relatando a Guerra de Canudos, são jornalismo ou literatura? O trabalho de Ernest Hemingway sobre a Guerra Civil espanhola é jornalismo ou literatura? Sempre é bom lembrar que diversos escritores trabalharam como jornalistas em tempo integral, como é o caso de Ernest Hemingway, Gabriel García Marquez, Antônio Callado, Carlos Heitor Cony, Machado de Assis, Lima Barreto, Gilberto Diemenstein, Fernando Moraes. Em Santa Catarina os exemplos são muitos: Silveira Júnior, Carlos Damião, Dennis Radunz, ...

Eric Nepomuceno faz um relato interessante sobre seu estado de espírito em uma redação, com que concordo em gênero, número e grau, porque também foi assim que sempre pratiquei jornalismo:

“Quando escrevo um texto para jornal, sinto a mesma emoção e a mesma ansiedade que quando escrevo ficção. Quando não sinto nem sombra dessa emoção, prefiro não escrever. Aprendi que é preciso respeitar a palavra, respeitar nosso ofício. Quando não se tem o que dizer, o silêncio é mais digno. É minha única vantagem: escrever por prazer, e viver disso. Em compensação, o jornalismo, até mesmo na rotina massacrante do cotidiano, pode oferecer pelo menos esta vantagem: a única coisa que não falta é assunto.”

## TEXTO 4

### **CIDADANIA E LITERATURA: a democratização do ato de escrever**

Qualquer pessoa com um pouquinho de estudo e senso crítico apurado, já pensou, pelo menos uma vez na vida, em colocar suas idéias no papel. A maioria, contudo, cedeu facilmente aos argumentos do senso comum de que arte é coisa para alguns iluminados, gênios, pessoas muito especiais providas de um dom quase divino.

Não foram poucas as vezes que ouvi, dentro de uma galeria de artes ou em um recital de poesias, pessoas exclamarem em tom de indignação frases do tipo:

- **“Mas, isso até eu faço!”.**

Para essas pessoas é inconcebível pensar a arte como uma expressão acessível a todos. Pensam que à elite é permitido ser dirigente, ter direitos, ter estudo e saber se expressar através da música, pintura, poesia e prosa. Da elite devem sair os eleitos dos deuses, de resto, temos os pobres mortais, os comuns, condenados a ser passivos, sendo dotados, no máximo, com o privilégio de saberem dar valor ao que de belo essa elite produz.

Essa armadilha, de que a expressão artística é um templo cujo acesso só é permitido a alguns iluminados, é tão forte em nossa cultura, que logrou capturar inclusive mentes brilhantes como a de Monteiro Lobato e Gilberto Freire, que ao trocarem correspondências, diziam, também indignados, um para o outro...

#### **MONTEIRO LOBATO:**

**“...No Brasil, o que falta são leitores. Escritores há a dar com pau. Poetas, então, que castigo! Há cá poeta e meio por quilômetro quadrado... A nossa gente é muito mais idiota do que eu tenho dito nos meus livros (isto é cá entre nós)”.**

#### **GILBERTO FREIRE:**

**“Meu caro Lobato, você está sendo muito liberal com essa gente besuntada de literatice e atacada de fúria epilética de fazer um livro.”**

Apesar do pensamento de Monteiro Lobato e Gilberto Freire estar de acordo com o senso comum, com o que pensa a maioria, nem por isso me sinto inclinado a concordar com todos. Prefiro ser uma voz dissidente, destoante, e apontar para uma outra lógica na compreensão do problema.

Em primeiro lugar, considero importante que o máximo de pessoas exercitem sua capacidade criativa. É da quantidade que vamos extrair a qualidade. Isto é, quanto mais pessoas escreverem, mais material vamos ter para selecionar, mais capacidades vamos poder revelar.

Se só uma minoria se der ao direito de escrever, a qualidade fica prejudicada pela pura falta da quantidade. Ou seja, não teremos muito o que escolher. Ficaremos, como decorrência disso, sem um Catulo da Paixão Cearense.

Em segundo lugar, considero que a arte é essencial para a formação do ser humano e para a consolidação da própria comunidade. Isto significa dizer que independentemente dos versos de uma pessoa terem, ou não, qualidade, esses versos têm de ser escritos. Esse exercício vai ser importante para a pessoa se sentir realizada, útil, criativa. Se as pessoas forem mais criativas, serão melhores também como Agentes Sociais.

A nossa sociedade é uma fábrica de neuroses. Neste contexto, a arte é uma importante estrutura que possibilita a catarse. Temos de ter instrumentos eficientes para colocar para fora os nossos demônios. Por que só a elite tem esse direito? Como seres humanos, pessoas sensíveis, temos de aprender a liberar nossas neuroses. Temos de desmontar a nossa couraça civilizatória, botar pra fora nossos medos, inseguranças, sentimentos. Eis uma função digna para a literatura: libertar o cidadão de suas neuroses.

Por isso, temos de escrever sempre. Se vamos mostrar o que escrevemos é outra história. Fiquei trinta anos para editar o meu primeiro livro. Hoje, penso diferente daquela época. Se pudesse voltar no tempo, tiraria meus poemas da gaveta aos treze anos de idade, me exporia, mostraria aos outros meus erros, minhas limitações. Mostraria que sou humano, e que sou uma pessoa sensível, que se preocupa com quem está ao seu lado.

Entendo que só construiremos uma sociedade mais humana e justa, se darmos a todos a condição de participar da vida coletiva. A cidadania reside na possibilidade de uma pessoa poder dizer o que pensa diante do grupo. Não há

cidadania sem voz, sem discurso, sem participação. A poesia, nesse sentido, é um dos instrumentos colocados a serviço da construção da cidadania.

Reside aí, e só aí, a fobia da elite quanto a arte vinda do povo, do homem comum. A elite tem medo que o povo fale, que o homem comum, sempre submisso e silenciado, se construa como um homem de discurso, como um cidadão. Neste sentido a arte é revolucionária por essência.

O outro ponto crítico na relação entre literatura e elite diz respeito ao fato de que a elite burguesa fundamenta suas ações na busca obsessiva pela propriedade privada. Nesta caminhada neurótica pela posse, o sistema transforma tudo em mercadoria. Tudo é produzido para entrar no mercado, ser trocado para produzir lucro.

Mas, o que fazer com as poesias dos comuns? O que fazer com a arte sem o requinte técnico suficiente para se tornar um objeto de troca? O que fazer com toda a produção cultural, se todos resolverem botar para fora o seu lado artístico? Por este motivo, a elite acaba sendo severa com aqueles poucos corajosos que assumem a sua arte, apesar dela não estar dentro de um padrão de qualidade aceitável a ponto de virar objeto de desejo de consumo.

Também por isso, a crítica especializada sempre foi idiota. É que seu compromisso com os interesses da elite dominante geralmente cega completamente seus olhos e inibe sua inteligência. Compromissados com valores estéticos oficiais, padronizados, perdem a possibilidade de ver o novo e até de ver o óbvio. Um crítico não consegue descobrir em uma obra de arte sentimentos, emoções, mensagens. O crítico de arte está treinado para avaliar um bem de consumo. No lugar de pensar na realização do ser humano, pensa em quanto vai ganhar na compra e venda do objeto de arte. Tudo é negócio, e a arte é mais um setor da grande roda-viva que chamamos de mercado.

Acostumados com essa lógica de só dar valor às coisas que possuem qualidade suficiente para servirem como objeto de troca, as pessoas comuns e os próprios artistas acabam perdendo completamente a noção do que vem a ser efetivamente uma obra de arte, e qual a função principal da arte. O exercício de catarse, de expressão de sentimento, acaba sendo preterido pela lógica mercantil. As pessoas comuns também acabam olhando com os olhos de mercador. As críticas

daí decorrentes são críticas de alguém que está vendo um objeto e não um veículo condutor do sentimento humano.

Há muito resolvi responder àqueles que indignados dizem “Mas, isso até eu faço!”, dizendo: “Então, faça!”.

Nossas gavetas são maiores do que nossas bibliotecas. Temos mais escritos nas gavetas do que editados, nas prateleiras das bibliotecas.

Quem disse que só a elite tem o direito de escrever? Quem disse que tudo o que fazemos tem de ter uma qualidade excepcional, acima da média? Quem disse que só os gênios têm o direito de mostrar sua arte? Quem disse que só aos gênios é permitido exteriorizar seus sentimentos?

Sou um comum. Como comum quero mostrar meus versos. Sou um cidadão. Como cidadão, tenho nos versos o meu discurso. É através deles que participo da vida de minha comunidade. Se são bons e belos, deixo a cada um a liberdade de julgar.

Quem me julgar, contudo, que saiba desde o início de que não haverá julgamento ou crítica nesse mundo capaz de me silenciar. Ouço a todos com respeito porque quero aprender sempre mais. E tenho aprendido muito nesses anos todos com muita gente que me criticou. Mudo, melhora, refaço ... parar, jamais!

O que seria do grande Whilliam Shakespeare se considerasse definitiva a avaliação que Voltaire elaborou sobre a peça Hamlet? Veja o que Voltaire falou: ***“um drama bárbaro e vulgar, que não seria tolerado pelo mais vil populacho na França ou na Itália. Pode-se imaginar que é a obra de um selvagem bêbado!”***.

E o que Gondin da Fonseca falou sobre a obra de Carlos Drummond de Andrade? Falou: ***“O senhor Carlos Drummond é difícil. Por mais que espremo o cérebro não sai nada. Vê uma pedra no meio do caminho e fica repetindo a coisa feito papagaio ...”***.

E o que falou Ferreira Gullar sobre a obra de Guimarães Rosa? Falou: ***“Li setenta páginas do Grande Sertão: Veredas. Não pude ir adiante. A essa altura do livro começou a parecer-me uma história de cangaço contada para os lingüistas.”***

No meu entendimento o principal papel da literatura, assim como das artes em geral, é ser um veículo condutor do sentimento humano. Se nossa sociedade está transformando a arte em objeto de consumo, isto não significa que essa prática seja a certa, e que devo me render incondicionalmente a ela. Se o mercado das artes

exige um certo padrão de qualidade estética para que possa considerar a arte como oficialmente arte, e desta forma possa vendê-la por um bom preço no mercado, isso não significa que o cidadão comum não possa parar uma hora por dia para fazer arte.

Vamos separar então, a arte feita como objeto de consumo, como produto, ou seja, algo produzido para ser levado ao mercado para participar das relações mercantis, da arte feita como expressão do sentimento humano. Como veículo de catarse. A arte que não tendo a qualidade suficiente para virar mercadoria, serve exclusivamente como forma de externar sentimentos e de tornar as pessoas mais humanas e sensíveis.

Ao falar sobre a democratização do ato de escrever, e da relação existente entre cidadania e literatura, tentei estabelecer a idéia de que o povo, o cidadão comum, tem de tomar consciência de que sua arte é importante para a sociedade. Se não serve para ser comercializada, isso não tem importância. O fundamental é que sua arte serve para tornar as relações um pouco mais humanizadas.

Cabe ressaltar ainda, que ao encarar a arte como mercadoria estamos analisando o papel social da arte sobre um prisma equivocado, porque reforça o gosto estético de uma elite que tem poder aquisitivo. Sendo assim, aqueles poucos que têm dinheiro para comprar um objeto de arte, enquanto mercadoria, ditam gosto, e ditam o que deve e o que não deve ser produzido. A longo prazo, é esta elite consumidora do objeto de arte que vai decretar se uma expressão cultural da comunidade, ou uma idéia genial de um autor, vai ou não sobreviver. Além do que corremos o risco de deixar sobreviver somente aquilo que puder ser comprado ao longo dos tempos.

Esta é uma armadilha gigantesca, que está cercado com suas redes a nossa civilização. E sua eficiência é garantida pelo fato de que até mesmo os mais pobres, os desvalidos e marginalizados interiorizam, através dos meios de comunicação de massa, esses valores e gostos estéticos da elite consumidora. E o pequeno consumidor acaba levando para casa, não aquilo que tem referência com a sua pessoa e sua vida, mas aquilo que a mídia transformou em sonho de consumo, viabilizada através do aperfeiçoamento das técnicas de reprodução em grande escala. A arte de massa. A estética massificada, para consumo de um grande contingente de pessoas.

Outra questão que merece um pouco de nossa atenção diz respeito ao fato de que o mundo capitalista incentiva o acúmulo da riqueza nas mãos de um pequeno grupo de pessoas. Esses grupos cada vez estão se tornando mais minoria, entre maiorias cada vez mais amplas de marginalizados. Estes proprietários e controladores dos grandes conglomerados internacionais, impossibilitados de gastarem todos os valores que conseguem amealhar para si individualmente, impossibilitados de comprarem mais objetos de consumo tradicionais, acabam inventando e abrindo novas fronteiras de consumo, para justificar suas posses cada vez mais imensuráveis.

Isso significa dizer que a elite endinheirada tem necessidade de tempos em tempos buscar novas fronteiras de investimento, porque tem capital sobrando. Assim, inventam valores a objetos que na verdade não possuem o valor de mercado que lhe querem atribuir. Este fenômeno da falsa valorização de coisas sem valor de troca, é visto diariamente quando a televisão anuncia que um objeto que pertenceu a um artista de cinema foi arrematado em um leilão por milhões de dólares, ou que um quadro de Picasso ou Monet foi arrematado por um milionário japonês que não quis se identificar, mas que pagou um ágio recorde.

Nesse sentido a obra de arte não somente vira um objeto de consumo, mas participa de uma farsa social e econômica, fazendo com que a mão do rico acabe se tornando a mão de um Midas, que tudo transforma em ouro, a tudo dá valor acima do seu próprio valor.

Enquanto isso, a arte do povo, a cultura popular, as manifestações simples e autênticas, o folclore ..... tudo fica esperando a sua vez de ser tocado pelas mãos mágicas de Midas, como esperando a sorte de ser tocado ou lembrado para passar a existir e de ter valor. Foi o que aconteceu, por exemplo, com a música sertaneja, o samba, o pagode. Foi o que aconteceu com Paul Gauguin e todos os demais. Suas telas só tiveram valor depois que magnatas resolveram investir nelas e anunciar ao mercado que elas tinham um valor maior do que o ouro.

Mas, qual das artes se contrapõe de frente a esta farsa social e econômica? Qual das artes ainda resiste ao destino cruel de se transformar em objeto de consumo? A poesia. A poesia ainda não tem mercado (para tristeza de alguns mercadores-poetas, ou poetas-mercadores). A poesia é das artes, a que menos movimenta dinheiro, menos vende livros, menos envolve editoras e mercadores em

leilões milionários. A poesia é a ponta revolucionária de nossa sociedade. Nestes séculos em que Midas transformou tudo em mercadoria, a poesia, como pária, sobreviveu virgem, intocável, por certo também abandonada, relegada a um segundo plano no cenário das artes.

Ao contrário do cinema, pintura, dança, teatro, arquitetura, música, escultura, romance .. ao contrário de tudo e todos, remando contra a maré da mercadorização e massificação da arte, da coisificação da estética e do sentimento humano, ao contrário do contrário, a poesia continuou marginal ao mercado, longe dos dedos dourados de Midas e seus quarenta burgueses.

Assim deve ser vista a poesia, a última das artes. A arte que sobreviveu a Midas e “a mão invisível do mercado”. A arte que se manteve limpa, pura, cristalina. Por isso mesmo, revolucionária. A única com possibilidade de falar sobre o homem e seus sentimentos. Os verdadeiros sentimentos. Aqueles que não podem ser consubstanciados em objetos de consumo, porque não são belos o suficiente, ou simplesmente são inconfessáveis.

Neste mundo onde tudo virou objeto de consumo, resta à poesia falar do homem e seus sentimentos. Tudo o mais é peça racionalmente elaborada para ser vendida ao gosto do freguês. E que gosto!

## TEXTO 5

### POESIA ENGAJADA: O PAPEL SOCIAL DA LITERATURA

“Só se escreve poesia de boa qualidade a partir da vida”. Ezra Pound.

POESIA ENGAJADA é um contraponto à idéia, muito difundida nos dias de hoje, de que a arte basta por si mesma. Combate, portanto, de forma direta e democrática, as práticas dos adeptos desta linha artística que apregoa a idéia de que a poesia, enquanto arte, não pode ser discurso. Tem de ser **neutra** politicamente e cultivar, tão somente, a beleza e ritmo das palavras.

A neutralidade é um conceito equivocado imposto à modernidade pelos Positivistas (1830), que de início pregaram o dogma de que o conhecimento verdadeiro é apenas o conhecimento científico, e que para obter este tipo de conhecimento o pesquisador precisa se manter **neutro** diante do objeto/fenômeno pesquisado. Quer dizer, o cientista não pode se envolver emocionalmente. Tem de deixar de lado sua subjetividade, ideologia, valores, gostos, preferências, crenças. Ao cientista resta a objetividade.

Das pesquisas de laboratório o conceito de **técnico neutro** se espalhou como praga para as ciências humanas e sociais, assim como para as mais diversas atividades, tais como a medicina, jornalismo, educação e artes. Com o Positivismo ficou estabelecido que a arte, como a ciência; e o artista, como o cientista, têm de manter a neutralidade diante das coisas do mundo.

Contudo, Lauro Junkes lembra, no livro *A Narrativa Cinematográfica* que esta tendência à neutralidade da arte já se encontrava embrionariamente na obra de Kant (1724-1804):

*“Com Kant deu-se impulso à consideração do desinteresse ou da inutilidade da arte, que conduziu a corrente de Arte pela Arte a afirmar que ‘não há verdadeiramente belo senão o que não pode servir para nada’. A teoria da arte desinteressada de Kant, no entanto, entende que a arte não é utilitarista ou pragmática, que ela se fundamenta não na fruição prática, mas na contemplação distanciada do objeto. Em conseqüência, ela produz no homem e na sociedade a emoção estética – aquele prazer entre material e espiritual,*

*aquela mistura de admiração, euforia e plenitude que embriaga, ou aquela angústia, pena ou dor que oprime a alma do destinatário do objeto artístico”.*

O romantismo também caminhou nesta direção, porque “conduziu a arte à alienação, ao escapismo...” (Lauro Junkes).

Fazendo um contraponto à Kant, aos Positivistas e Românticos mais radicais, alguns intelectuais começaram a acentuar o caráter social da arte. Nesta linha podemos incluir praticamente todos os pensadores/artistas da esquerda, que consideram o homem como um ser histórico e a sua arte como resultante direta de sua visão de mundo (ideologia, subjetividade, cultura...).

Como exemplo desta tendência temos o pensador Jean-Paul Sartre, para quem a arte é um “Compromisso, uma tomada de posição do autor diante da realidade, objetivando por-se a serviço da comunidade, para conduzi-la e indicar-lhe o caminho a seguir”. (Lauro Junkes).

Seguindo ainda esta linha de raciocínio entendo que, em um Brasil que ostenta o título de país que mais concentra a renda no mundo, e que apresenta uma desumana diferença entre a minoria mais rica e a maioria pobre, não nos é permitido fazer de conta que o mundo é belo e que a vida sorri para todos igualmente. Crianças são abandonadas nas ruas, escolas não oferecem ensino de qualidade, as oportunidades de emprego são cada vez mais raras, o trabalho é insalubre e atende por uma lógica quase escravocrata na sua relação com o Capital...

O que não falta a uma pessoa sensível são imagens de um Brasil desigual, desumano, que abriga a prática de um capitalismo selvagem, impiedoso, que condena à marginalidade social a maioria de sua população.

Diante de uma realidade tão cruel e desumana, fica difícil de entender a prática artística alienada social e politicamente. Como é possível a um artista, que sempre se apresenta como uma pessoa extremamente sensível, fechar os olhos à realidade que está gritando ao seu redor? Como é possível fazer “arte pela arte” ou construir o “belo pelo belo”?

## O QUE É POESIA ENGAJADA?

Para os adeptos da arte alienada social e politicamente é suficiente escrever bem, escrever certo. Obedecer a métodos e técnicas. Ser profissionalmente competente e conseguir o retorno financeiro desejado. É a prática da técnica pela técnica. Ser competente é dominar, em um nível de excelência, todas as técnicas disponíveis. O negócio é fazer bem feito para ser admirado, ser reconhecido. Cada verso, cada palavra tem de seguir uma métrica, sonoridade, ritmo, como quem segue uma receita de bolo.

Rubens Alves diz que:

“Quem escreve não escreve a fim de. Para aquele que cria, sua obra é um fim em si mesmo. A literatura não tem objetivos além de si mesma. O prazer da leitura é seu próprio fim [...] a literatura não tem objetivos pedagógicos. Não tem por objetivo a comunicação de idéias. Ela não é uma forma indireta de inculcar verdades que poderiam ser comunicadas de maneira direta em livros de ciência ou filosofia. Um escritor não escreve para comunicar saberes. Escreve para comunicar sabores. O escritor escreve para que o leitor tenha o prazer da leitura [...]”

Por este enfoque, é suficiente que a poesia seja bela. As palavras combinem umas com as outras e estejam em harmonia no texto. Basta que a leitura seja agradável e que o livro venda o máximo de exemplares possível, dando ao seu autor fama e dinheiro. Vale, portanto, a indignação de Monet queixando-se de pessoas que perguntavam sobre os significados de seus quadros: *“Não pintei quadros para que tivessem sentido. Pintei quadros para que aqueles que os vissem os achassem bonitos”*. O problema é que o belo pode servir a todos os senhores, servir a Deus e ao Diabo, mantendo a consciência do artista em paz, como foi, por exemplo, a música de Wagner para o Nazismo.

A poesia do “belo pelo belo” é, portanto, invariavelmente um projeto individual de seu autor. Mais um ato individual em meio a tantos outros atos individuais. Tudo isso faz sentido para a maioria das pessoas justamente porque estamos em uma sociedade centrada numa lógica de valorização do egoísmo. Acima de tudo e de todos, ficam os interesses individuais do cidadão proprietário. É normal pensar em si mesmo. Vale o ditado popular: “Cada um por si e Deus por todos”.

Mas será que não há outra maneira de ver a arte? Será que não há outra maneira de fazer arte? A arte deve ser apenas tecnicamente competente, ou pode/deve apresentar objetivos mais nobres? A arte deve ser vista apenas como mais um produto posto à venda, nesta sociedade de mercado que tudo transforma em mercadoria, ou pode transitar em um campo para além das relações de troca e de propriedade?

É nesse sentido, fazendo estas reflexões acerca da poesia alienada social e politicamente, que alguns poetas fazem um contraponto, apresentando a Poesia Engajada. Quer dizer, estes artistas entendem que a poesia, enquanto expressão artística, não se esgota em si mesma. Não tem como essência cultivar o “belo pelo belo”, ou ser apenas tecnicamente perfeita, dar dinheiro para o seu autor, trazer fama e sucesso.

Os adeptos da Poesia Engajada usam a poesia não como fim em si mesma, mas como meio para alcançar um objetivo, encharcado pelos problemas do mundo selvagem em que vivem. Usam da poesia para falar da desigualdade social, da péssima distribuição da riqueza, da violência urbana, da violência política, da falta de amor entre pais e filhos, tóxico, Aids ...

A primeira característica deste tipo de arte, portanto, é esta: **ela não é neutra**. Ser um poeta engajado, é ter consciência que estamos em plena batalha por uma sociedade melhor, mais justa, mais humana. Ter consciência de que não é possível ficar alheio, neutro, em pleno cenário de guerra, como se o poeta fosse uma entidade metafísica, cujo corpo não sofresse as mazelas da realidade cruel.

Ser engajado é estar comprometido com uma causa, como o fez Castro Alves, por exemplo. Será que a poesia de Castro Alves é menos reconhecida porque ele utilizou o dom de artista para defender os negros miseráveis que sofriam, nas senzalas fétidas e insalubres, horrores inimagináveis a um ser humano?

Quanto da poesia de Cecília Meirelles contém a educadora escolanovista Cecília Meirelles? Quanto do estudioso da cultura brasileira está contido nos versos de Mário de Andrade? Este nacionalismo antropofágico que também encontramos em Oswald de Andrade, não foi benéfico para as letras? Graciliano Ramos, Bertold Brecht, Maiakowsky, Pablo Neruda, Ernest Hemingway, Jorge Amado, Ferreira Gullar, por exemplo, têm sua obra diminuída porque escreveram a partir de uma leitura de mundo com forte conotação ideológica?

A Poesia Engajada, portanto, é instrumento de luta social. O poeta acredita em um mundo melhor e usa a poesia como arma para alcançar seus objetivos. Fazer poesia é

defender uma causa. É ser movido por idéias. No mundo da Poesia Engajada não há lugar para os neutros ou indiferentes. Este é um mundo exclusivo dos que possuem a sensibilidade, ou coragem, de se posicionar. Ser engajado é saber se posicionar a favor de um dos lados em luta.

Por exemplo: nunca na história da humanidade o homem poluiu tanto, maltratou de forma tão irracional a natureza, do que nestes quase trezentos anos de formação da sociedade industrial. Esta sociedade industrial traz em seu interior duas forças em conflito. A primeira delas, diz que o homem tem o direito de fazer o que quiser com a natureza, e o progresso da humanidade vale qualquer preço. A natureza está disponível para o homem, de forma incondicional. A indústria pode fazer o que bem entender com a natureza desde que promova progresso e produza mais riqueza.

Por fazerem uma leitura linear, acrítica e descontextualizada da Bíblia, acreditam mesmo que, ao usufruir da natureza, estão cumprindo de forma fiel com o desígnio de Deus, uma vez que está escrito no livro Gênesis:

“E Deus prosseguiu, dizendo: ‘façamos o homem à nossa imagem, segundo a nossa semelhança, e tenham eles em sujeição os peixes do mar, e as criaturas voadoras dos céus, e os animais domésticos, e toda a terra, e todo animal movente que se move sobre a terra.’”.

Já a segunda força neste conflito, entende que o homem não é tão soberano assim e que sua ação predatória sobre a natureza tem de respeitar certos limites. São os ecologistas, que defendem o desenvolvimento sustentado.

Bem, para se fazer Poesia Engajada, então, em primeiro lugar há a necessidade de um posicionamento. Quer dizer, há de se escolher entre dois modelos de mundo, em muitos pontos, contrários. Ou você aceita a idéia do progresso a qualquer custo, ou você aceita a idéia de que o progresso deve ser contido, em benefício de um equilíbrio na relação homem-natureza.

Escolhido o lado que vai ficar, a poesia daí decorrente é uma Poesia Engajada. Uma poesia que vai defender um dos lados em luta. São muitas as batalhas que hoje estão sendo travadas no interior de nossa sociedade. Causas para serem defendidas não faltam ao poeta. O que falta a muitos de nós é a vontade, sensibilidade ou consciência, para assumir o papel de Agente Social.

Aqui, cabe também ressaltar que muitos poetas que se dizem neutros, que não defendem nenhuma causa social, política ou ecológica, na maioria das vezes estão servindo a um dos grupos em luta na sociedade, sem se darem conta disso. São ingênuos, e, por isso mesmo, mal percebem que estão sendo usados como testa-de-ferro, laranja, boi-de-piranha. Alguns até sabem que estão sendo usados, mas por interesses exclusivamente pessoais, fazem de conta que não estão vendo, deixam o sistema usar seu nome e sua arte desde que auferam alguma vantagem pessoal.

Agora, para que alguém defenda com competência uma causa, se faz necessário que entenda profundamente do que está falando. Por isso mesmo, o poeta deve ser um bom leitor. Precisa estudar sobre o assunto que se propõe a escrever. Buscar as palavras/expressões certas, compreender o ambiente em que está envolvido.

Por outro lado, a Poesia Engajada geralmente é fruto de uma militância. Quer dizer, o poeta enquanto atua como cidadão, no seu trabalho de Agente Social, empenhado em causas que buscam melhorias significativas para a sua comunidade, tem em toda a sua ação militante, engajada, matéria-prima, fonte de inspiração para os seus versos. Sua própria arte pode servir de instrumento para interferir na realidade, para ajudar a construir um mundo melhor. Poesia Engajada é a arte que transforma, que participa. Uma arte em ação.

Estudar sobre o tema que se pretende escrever e agir como cidadão, nos movimentos sociais, nas estruturas organizativas da Sociedade Civil, mais do que recomendável ao poeta, é necessário, imprescindível. A realidade é o ponto de partida e também o ponto de chegada da Poesia Engajada. Não se escreve por escrever. Não há o “belo pelo belo”. A poesia é um instrumento na luta contra a poluição, miséria, analfabetismo, alienação, violência urbana, desemprego, egoísmo, individualismo, desigualdade social, falta de amor dos pais, o cotidiano estressante, a neurose do mundo moderno, a máquina que desemprega o homem ...

Contudo, é sempre importante colocar uma ordem de valor nas coisas. Isto quer dizer que na poesia o que vem em primeiro lugar não é o estudo ou a militância, mas o sentimento, a emoção que o poeta vivencia. Quer dizer, de nada adianta você estar no meio de uma tempestade social, se não consegue sentir. O poeta é alguém que está na chuva e sente que está encharcado. Saber sentir e ver, é fundamento para a produção da Poesia Engajada. A base da poesia não é a razão, é o sentimento. Sem emoção, sem sentimento, a poesia passa a ser algo mecânico sem vida própria. Uma coisa estéril.

A Poesia Engajada leva seu autor a ocupar o máximo de espaço possível na sua comunidade, em especial nos Meios de Comunicação de Massa. Esta exposição na Mídia (Rádio, Televisão, Jornal) não tem como objetivo principal se aparecer/promover. Não é vaidade pessoal. Trata-se de ocupar espaços nos veículos de comunicação como forma eficiente de se divulgar a causa em que o poeta está engajado.

A diferença é muito grande. Há poetas que possuem um ego imensuravelmente maior do que seu talento, e querem aparecer na TV porque é uma necessidade individual, algo que interessa apenas a eles próprios. Já o poeta engajado ocupa espaço como quem está avançando no campo de batalha. Pensa na causa, nas idéias, antes de vaidade, ego, status.

Se o que faz um poeta não ser alienado é justamente o fato de ser um cidadão ativo, que coloca seus versos a serviço de uma causa, então podemos considerar que seus versos são seu discurso. Quem disse que poesia não é discurso? Por que disse? Entendo que na vida o melhor é deixar as coisas o mais livres que for possível. Restringir apenas o necessário e suficiente. Nesse sentido, o melhor é não achar que tal poesia é certa ou errada. Também, o melhor é não dizer o que pode e o que não pode se fazer tecnicamente.

O poeta que usa sua arte como instrumento a serviço de uma causa poderá também cuidar da estética dos seus versos. Tem a obrigação de fazê-los o mais bonitos e sonoros possível. Por outro lado, não deve exagerar no discurso, nas palavras de ordem. Quer dizer, a poesia exige bom senso, sutileza. O trabalho deve ter um certo equilíbrio. Não pode ser um discurso tão inflamado a ponto de se tornar ofensivo ou sectário. Bom senso, equilíbrio. A mensagem chega melhor se sutilmente misturada aos sentimentos.

É como se você estivesse transportando copos de cristais. Para garantir a integridade dos copos o melhor é embrulhá-los em jornais. Assim são os sentimentos e as idéias sociais em benefício da maioria desvalida e das minorias discriminadas e perseguidas. Na poesia, é melhor envolvê-los com as palavras certas. Um a um, com muito cuidado, sutileza, leveza, delicadeza.

Alguns podem perguntar assim: por que tenho de defender uma causa ou idéias? Ninguém é obrigado a nada. Se alguém quiser fazer poesias bonitas pelo simples fato de gostar de tudo que é belo, então que o faça. Só não tire dos outros o direito à liberdade de fazer e pensar diferente. Quer dizer, o que vemos por aí é que aqueles que fazem poesias no estilo o “belo pelo belo” ficam perseguindo, classificando como “não poesia” todos os trabalhos que defendem uma causa.

O melhor mesmo é “viver e deixar viver”. É interessante adotar uma postura eclética, aberta, pluralista, democrática. Não selecionar, não classificar, não dizer que é certo ou errado, é poesia e “não é poesia”. Vamos escolher o nosso caminho estético e deixar que os outros tenham a liberdade para fazer o mesmo. Só que, assim como não condeno alguém que faz poesia do tipo alienada social e politicamente, não poderei permitir que venham rotular a minha poesia como uma “poesia menor” ou até “não poesia”. Nada disso, a idéia é respeitar e ser respeitado. Isso é uma via de duas mãos.

Eu prefiro a Poesia Engajada porque ela cumpre objetivos sociais. Persegue a construção de uma sociedade melhor. Tem compromissos com a comunidade e não apenas com a estética, ou com os interesses pessoais e a vaidade do artista. Como poeta não posso ser apenas um grande Ego.

Também penso assim: se posso ter duas coisas boas, porque desejar apenas uma? Quer dizer, se ao fazer poesia posso conseguir sucesso por fazê-las bonitas, porque também não me empenhar ao máximo para que tenham também uma utilidade social mais decisiva, tenham relevância para todos e auxiliem na luta empreendida para a construção de um mundo melhor? Quer dizer, o compromisso social, o engajamento, não elimina a possibilidade do belo, e vice-versa.

Outro ponto interessante é estudar mais detalhadamente o caso dos antigos festivais de música que ocorreram no Brasil durante as décadas de 60 e 70, e o surgimento de duas gerações de letristas bem distintos. De um lado temos Roberto Carlos, Erasmo Carlos e uma centena de letristas e intérpretes cantando o amor alienado, despolitizado. Apesar de estarmos em plena Guerra-Fria, com um regime ditatorial censurando as artes e todas as manifestações decorrentes do livre-arbítrio do cidadão, para este grupo nada era mais importante do que o fato de estar “amando loucamente, a namoradina de um amigo meu”, e “que tudo mais vá pro inferno!”.

No outro lado, contudo, temos uma geração de letristas e intérpretes preocupados socialmente, e engajados politicamente. Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Elis Regina, Geraldo Vandré, Nara Leão e tantos outros, fizeram poesia e música de primeira grandeza, e ao mesmo tempo utilizaram esta arte de qualidade para auxiliar a sociedade a se defender do sistema ditatorial. Quer dizer fizeram das letras das músicas uma forma de se posicionarem politicamente.

A verdade é uma só: não existe neutralidade possível, e quem escreve, poesia ou letra de música, é um **intelectual orgânico**. Isto é, escreve e canta uma arte que está

disseminando valores que estão vinculados aos interesses deste ou daquele grupo, desta ou daquela classe social. O intelectual é aquele que está organicamente vinculado às classes, aos grupos, e o que diz e escreve, vai refletir os valores e os interesses desses grupos e classes. Nesse sentido, Roberto Carlos é um Intelectual Orgânico da classe dominante, e suas músicas ajudaram o regime ditatorial a controlar o povo; enquanto Chico Buarque é um Intelectual Orgânico da classe dominada, que incitou o povo, em particular os estudantes e demais intelectuais, à rebeldia contra o regime ditatorial. Analise as letras de suas músicas e veja como é fácil visualizar rapidamente que elas possuem mensagens bem diferenciadas.

Outro ponto importante de se notar é que, se a arte não tivesse uma forte influência nos processos sociais porque motivo todas as ditaduras, sem exceção, ao longo da história da humanidade, sempre censuraram as artes, e as colocaram sob custódia do Estado? Do Index da Igreja Católica às fogueiras do Nazismo, passando pelo Arquipélago Gulag do Realismo Socialista, e chegando até nós através da Lei de Imprensa e a censura aos livros e espetáculos durante o regime de 64, a história é a mesma: quem exerce o poder sabe muito bem que a arte, e em especial o artista que domina a palavra, tem em suas mãos muito poder. O poder de convencer as pessoas a agirem, de sair da passividade. Sabem que a arte quando neutra, na verdade está apoiando e auxiliando quem está no poder, e por isso mesmo investem sempre na idéia de que o artista tem de ser neutro, fazer a arte do “belo pelo belo”, sem se meter com política ou defender causas sociais.

Eles dizem assim: “A poesia não é discurso. E se Fernando Pessoa defende idéias, então sua poesia não é poesia, é discurso. E como tal deve ser condenado. Neste ponto acho interessante também evidenciar as palavras de Bertold Brecht sobre o alienado, o analfabeto político:

*O pior analfabeto é o analfabeto político.*

*Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos.*

*Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão,*

*Do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio*

*Dependem das decisões políticas.*

*O analfabeto político é tão burro que se orgulha*

*E estufa o peito dizendo que odeia a política.*

*Não sabe o imbecil que da sua ignorância política*

*Nasce a prostituta, o menor abandonado, o assaltante e  
O pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra,  
o corrupto e lacaio das empresas nacionais e multinacionais.*

Bem, parece que ficou claro que existem duas maneiras bem diferenciadas de olhar a poesia e a arte de um modo geral. A primeira dessas maneiras é olhar a arte como um instrumento de dar ao homem prazer estético, separando a arte de outros setores sociais como a política e a economia. A Segunda maneira de ver e praticar arte é olhar a poesia como um instrumento a serviço de uma causa social. A poesia engajada.

Mas, o que posso considerar como uma poesia engajada? Bem, vamos considerar como poesia engajada toda poesia que estiver defendendo uma causa. Esta defesa pode ser em termos mais radicais, agressivos, ou de forma mais sutil, até simbólica. Muitas são as vezes, por exemplo, em que a mensagem está camuflada e trabalha nos meandros do subconsciente do leitor, é uma mensagem subliminar.

Vou tentar mostrar como eu faço poesia engajada. Veja, por exemplo, como eu tento nesta primeira poesia passar uma mensagem de que está na hora da gente se preocupar com as questões ecológicas. Neste sentido, como poeta eu tomei uma posição bem clara sobre aquele debate que propus no início desse trabalho, entre aqueles que acham que o homem tem direito de fazer o que bem entende com a natureza, e aqueles que entendem que temos de sacrificar momentaneamente um pouco do nosso progresso para ganharmos, a longo prazo, uma qualidade de vida melhor por estarmos em equilíbrio com a natureza. :

### **MODERNIDADE RECUSADA**

Agora que o mar está sujo

Onde iremos lavar nossa cultura?

Jogar as cascas de nosso apetite civilizatório?

Depositar as embalagens de nossos desejos de plutocratas?

E agora - onde?

Onde iremos desaguar nossas fezes e escarros?

Para onde levar a água com a qual lavamos

Nossas mãos civilizadas e higiênicas?

Se o mar já não mais aceita ser latrina

Se o mar já não mareja, manso e receptivo

Se o mar já não copula

Com nossos detritos e excrementos civilizatórios.

E agora? Onde jogar nossa modernidade?

Ecologia é um dos temas possíveis. Mas os temas podem ser variados. Não é necessário se especializar em apenas uma causa. Não que isso seja proibido, ou indesejável. Nada disso. Se um artista quiser se especializar em uma causa, que vá em frente. Mas no meu caso, eu prefiro diversificar o tema. Veja este poema sobre o problema do menor abandonado em nossa cidade e o fato da Prefeitura muitas vezes parecer estar mais preocupada com a beleza do centro da cidade do que com os seres humanas que nela habitam:

### ***GALHOS SECOS***

#### **Em cada esquina**

De minha cidade,

Próximas a canteiros bem cuidados,

Vejo crianças com mãos estendidas

Pedindo um pouco da atenção

Que dispensamos às flores.

Minha cidade

Aduba terra para ver florir

Begônias e azaléias...

E joga no meio da rua

Crianças rotas, rudes...

...de olhares famintos.

Tristes esquinas  
Cenários de contraste:  
Flores cuidadas, crianças largadas,  
Cepas abortadas  
No útero civilizatório.

Por último vou mostrar uma poesia mais diretamente política. Quer dizer, ela trata de uma questão muito mais polêmica e nitidamente defende um dos lados, qual seja os sem-terras.

### **O GRITO DA TERRA**

Vejo pessoas caminhando  
Por uma estrada de chão batido  
Ladeada por cercas de arame-farpado.  
Passo a passo mais alegres  
Como se donas fossem  
Do seu destino.  
Quem são ?  
Onde vão?

Vejo pessoas caminhando  
Seguem alegres, falantes, apressadas  
Nas mãos, algumas carregam bandeiras  
Outras, facões, pás e enxadas.  
Hinos e refrões  
Sonoros coros ou simples berros  
Abafam o som da batida cadenciada  
Dos pés descalços na terra dura.

A cada passo mais exaustas  
A cada passo mais empoeiradas  
A cada passo mais rotas,

Famintas e suadas...

Cansadas e sorridentes

Quem são?

Descamisadas e felizes

Onde vão?

Vejo pessoas caminhando

Quanto mais cansadas, mais unidas

Quanto mais rotas, mais decididas

Formando uma tertúlia

Avidas por um torrão de terra

Onde plantar futuro, sonhos

Suor e compaixão.

Tudo fazendo por uma pequena leiva

Pedaço diminuto de chão.

Querem apenas plantar arroz

Trigo e feijão.

Uma pequena gleba

Onde possam ver brotar a vida

Colher a existência

Com suas próprias mãos.

Apesar de ser

Um sonho tão pequenino

Não passa de ilusão.

O que tem de justo, tem de proibido:

A terra tem cerca, tem dono

E os homens, há muito

Desaprenderam a dividir o pão.

A cada passo

A cada canto, então  
A paz parece mais distante  
Fardas e armas  
Reforçam as cercas  
Cada homem, como se fosse um mourão  
Fincado firme no solo  
Como esteio da grande propriedade  
Orgulho do senhor patrão.

Vejo pessoas caminhando  
Armas desfazendo sonhos  
E corpos caindo ao chão.  
Quem cai?  
Por que morre ?

Meu Deus! Meu Deus!  
É justo tombar na luta  
Um homem que apenas sonha  
Para os seus ?  
É justo !? Diga-me, por favor, Senhor!  
É J-U-S-T-O?  
Com tanta terra  
Com tanto gado  
Por que fazer de seu povo  
Um povo desgraçado ?

Se há comida – por que morrer de fome ?  
Se há terra – por que morrer peregrino ?  
Se há riqueza – por que viver roto, desvalido ?  
Por que morrer pária  
No meio do caminho ?  
Por quê ?

Algumas pessoas entendem que só podem ser consideradas críticas e engajadas se falarem mal dos políticos. Nada disso. Temo em dizer, que falar mal dos políticos é tão óbvio, que caindo no senso comum o poeta pode, ao contrário do que deseja, fazer o jogo do poder e dos donos do poder. Isto é, falando mal dos corruptos ao mesmo tempo que esquece de falar dos corruptores, acaba auxiliando estes mesmos corruptores a manterem seus esquemas de corrupção junto ao Estado. Você já notou que nós sempre falamos dos corruptos e esquecemos daqueles que os corromperam? Pois é, então temos de ter muito cuidado para não cair nesse erro primário, achando que um poeta politizado, engajado, é aquele que fala mal do Estado e daqueles que detêm mandato eletivo.

De qualquer jeito, esse não é um tema proibido, não é mesmo. Só não pode ser visão única, tema único. Veja uma poesia que eu fiz falando mal dos políticos:

## **CIDADANIA**

*Os políticos*

não valem ...

*Paguem*

e calem .

Paguem

os políticos ...

Valem

mas não calem .

Calem

os políticos ...

Não paguem  
mas valem .

Os políticos  
valem ...  
Paguem  
e calem .

Os políticos  
não valem ...  
Não paguem  
mas , também não calem .

É claro que o tema político contra o Estado e os políticos de carreira é mais fácil e fascinante, mas também é muito mais óbvio e desinteressante. Prefiro, por exemplo, explorar temas mais complexos, que mexem com valores mais enraizados da sociedade, como é o caso da família:

### ***TRAGÉDIA HUMANA 2***

Oito horas ...  
a família dorme .

Nove horas ...  
a família dorme .

Dez horas ...  
a família dorme .

Onze horas ...  
a família dorme .

Doze horas ...  
a família dorme .

Treze horas ...

a família dorme .  
Catorze horas ...  
a família dorme .  
Quinze horas ...  
a família dorme .  
Dezesseis horas ...  
a família dorme .

Qualquer hora  
Qualquer família...  
dorme .  
A família dorme  
o eterno sono  
de apenas sobreviver .

Agora, temos de ter um cuidado especial quanto a este negócio de que um poeta engajado é uma pessoa crítica, porque a maioria das pessoas confundem esse conceito, entendendo que para ter criticidade basta falar mal. Nada disso. Para esclarecer melhor esse assunto, vou reproduzir um texto que costumo distribuir para os meus alunos na faculdade sobre a criticidade e que está inserido no livro *Pesquisa Dialética em Educação*, ainda não publicado.

## **CRITICIDADE**

*Muitas pessoas são simplesmente inconvenientes por entenderem no direito de dizer "a verdade doa a quem doer", de ser "sincera", etecetera e tal. Outras, entendem que são críticas porque conseguem ver sempre algo de errado nas coisas. Pior, conseguem sempre ver apenas o que está errado.*

*Não é bem assim. Primeiro porque a verdade é uma construção da subjetividade humana. Ou seja, só é verdade aquilo que eu construo como tal e, portanto, é válido somente para mim.*

*Já a criticidade é algo um pouco mais complexo. Aquele que se diz crítico muitas vezes não passa de um negativista doentio, ou simplesmente um cretino, porque tem a capacidade de apenas destruir as coisas sem que consiga colocar algo melhor no seu lugar. O cretino é um destruidor, serve muito para trabalhar em empresas de demolição, em aterros sanitários, ou em crematórios públicos, e só.*

*O crítico, contudo, é uma pessoa especial, que se diferencia largamente do cretino. Seu discurso é constituído por três elementos básicos: denúncia, anúncio e compromisso.*

**Denúncia** - em primeiro lugar a pessoa crítica tem a capacidade de compreender o mundo em sua volta, ver seus acertos e erros, Ter crítica e auto-crítica. Sabe analisar a conjuntura. Por este motivo está em condições de denunciar, dar um diagnóstico completo dos problemas;

**Anúncio** - após denunciar, mostrar, evidenciar quais os problemas existentes, a pessoa crítica passa à etapa do anúncio. Qual seja, para cada problema ou denúncia ela busca estabelecer possíveis soluções. Estas propostas não são imperativas, impostas, mas elaboradas em forma de contribuição para o debate democrático com o seu grupo;

**Compromisso** - aquele que tem a compreensão dos problemas e a visão de possíveis soluções, agora tem a responsabilidade de se comprometer com as ações sociais que visam superar os problemas antes detectados.

*A pessoa crítica é uma pessoa construtiva, que só aceita destruir sob a condição de poder fazer algo melhor para colocar no lugar. É evidente que nem sempre a pessoa que faz uma determinada observação está em condições de cumprir estes três estágios do processo. É o caso, por exemplo, de um jornalista que após averiguar diversas fontes promove uma denúncia, ou tece determinado comentário em editorial. Mas aí pesa a intenção do profissional e seu compromisso com o processo de mudança social como um todo, da qual ele é apenas um elo, uma pequena parte. Mas, uma parte importante, que está tentando participar e dar sua contribuição por menor que seja.*

*Como o mundo está cheio de meia-verdades e de cretinos, sobra aos críticos, muitas vezes, ter a sabedoria de não desistir jamais de participar socialmente. Não é fácil lidar com os donos da verdade e os cretinos, mas em compensação os frutos obtidos na batalha justificam, em muito, qualquer sacrifício.*

Bem, era isso o que tinha a lhe dizer sobre poesia engajada. Em síntese: o que me move a escrever poesia é justamente a possibilidade de utilizá-la para passar uma

mensagem. Uma mensagem para contribuir, de alguma forma, para que este mundo fique um pouquinho melhor a cada dia, a cada verso, a cada palavra.

Que no fim de tudo pelo menos quem me ler, que não diga da minha arte o seguinte:

*A poesia não serve para nada. Os poetas são seres perfeitamente inúteis, marginais e faladores. Dir-se-á que Platão, que os excluía da sua República, tinha razão; e são muitas as obras na literatura francesa, como Chatterton, de Alfred de Vigny, que revelam a condição materialmente miserável dos poetas, dos que nada fazem, parasitas da sociedade burguesa que tem tendência a rejeitá-los.*

**GEORGES JEAN.**